

AS DUAS VERSÕES DE ÁGUA VIVA

ALEXANDRINO E. SEVERINO

Vanderbilt University

De todos os escritos de Clarice Lispector, **Água Viva**, publicado pela Artnova em versão final em agosto de 1973, terá sempre para mim um significado especial. Esse livro está relacionado com um encontro que tive com a autora em julho de 1971, vai para treze anos.

Decorrente desse e de outros encontros subsequentes, todos eles entre julho e agosto desse ano, guardo até hoje uma primeira versão de **Água Viva**, que na ocasião se chamava "Atrás do Pensamento: Monólogo com a Vida." Segundo a autora nos confidenciou, esse título seria substituído por outro--**Objeto**. O livro que possuo, em forma datilografada--como se sabe, Clarice escrevia sempre diretamente na máquina--foi-nos confiado para que fosse traduzido. Somente mais tarde, segundo a autora então nos informou, o livro seria enviado para a Editora Sabiá.

A tradução não se efetuou, mesmo porque o livro, tal como fora escrito, nunca foi publicado. Em carta que nos dirigiu a 23 de junho de 1972, Clarice dizia em resposta à nossa indagação:

Quanto ao livro--interrompi-o--porque achei que não estava atingindo o que eu queria atingir. Não posso publicá-lo como está. Ou não o publico ou resolvo trabalhar nele. Talvez daqui a uns meses eu trabalhe no **Objeto Gritante**.

O livro sairia daí a um ano bastante modificado. De 150 páginas seria reduzido para cem. E chamava-se **Água Viva**.

Quando a 12 de julho de 1971 conheci pela primeira vez Clarice Lispector em seu apartamento à Rua Gustavo Sampaio no Leme, ela havia acabado de escrever esse livro, que ainda não tinha portanto o nome que tem hoje, nem era ainda o livro que corre com aquele nome. A gestação final dessa primeira versão, muito mais extensa que a atual, ocorrera naquela mesma manhã. Nossa conversa, extremamente franca e aberta, foi determinada, agora o reconheço, pelos aspectos autobiográficos do livro. Não cessara ainda naquela tarde a força criadora que a obra recém-concluída sondara, com o auxílio da personalidade descarnada, os mistérios do mundo e do ser para além do pensamento, lá onde só as palavras conseguem penetrar. Sondagem interminável, mil vezes repetida em renovados arremessos de infrutíferas consequências, por onde não soa eco nem se vislumbra fundo e que, no entanto, deixa a alma exangue pelo esforço dispendido. Tanto **Água Viva** como a primeira versão **Objeto Gritante** representam, apesar de algumas diferenças no processo de execução, tentativas de chegar até um ponto inefável, um **it**, para além do raciocínio e para além mesmo da imaginação.

Como acontece em outros romances e contos de Clarice Lispector, a palavra é o principal ponto de contato entre o cognoscível e o inefável **it**. Outros pontos

de contato, que ajudam a elucidar o *it*, são os animais e as plantas, seres que pela sua condição elemental, mais próxima do que é intuitivo e inconsciente, conduzem a escritora à essência primordial das coisas. Ambas as versões de que tratamos deslindam ao final esse *it* imperecível, sendo a sua descoberta motivo de alegre epifania e de religiosa aceitação.

Gostaríamos neste trabalho de prestar uma singela homenagem à grande escritora há dez anos desaparecida, cotejando esses dois textos: *Água Viva*, que como dissemos, é de agosto de 1973, e a versão anterior, escrita dois anos antes. Essa primeira versão trazia o título de *Atrás do Pensamento: Diálogo com a Vida* mas passou a chamar-se mais tarde, *Objeto Gritante* ou simplesmente *Objeto*. As duas versões diferem sobretudo na inclusão de aspectos biográficos. A versão de 1971 sofreu profundas alterações, para que dela fossem extraídas referências demasiado pessoais. O resto, o âmago do livro, já se encontra na primeira versão.

Os acréscimos à versão publicada são tentativas de dizer melhor o que fora apenas esboçado ou dito de forma inadequada. Em uma escritora como Clarice Lispector, conhecida pela espontaneidade e precisão da palavra escrita, quase automática, isto é--como se fora ela ditada por seres de outros mundos, é curioso e ao mesmo tempo elucidativo, verificar a extensão das correções feitas no texto e o processo de revisão a que este foi submetido. O resultado é *Água Viva*, uma obra cuja importância é salientada pela justaposição das duas versões, de onde se depreende que a escritora aqui atingiu um dos pontos mais altos de sua ficção.

Vários estudiosos da obra de Clarice têm chamado a atenção para os aspectos extremamente subjetivos presentes em *Água Viva*, não obstante o rótulo de ficção afixado à página de rosto. Com efeito, todas as indagações sobre o mundo e a natureza do ser, que levam à descoberta do *it*, partem do ponto de vista de um eu em brasa, em completa incandescência. O título *Água Viva* reflete esse estado de espírito do narrador:

A transcendência dentro de mim é o *it* vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem. Será que a ostra quando arrancada de sua raiz sente ansiedade? Fica inquieta na sua vida sem olhos?
(A.V. 35-6)

É necessário, no entanto, distinguir o que é pessoal do que é impessoal em Clarice. Uma coisa é um foco narrativo egocêntrico, isto é, absorto na pessoa do autor do livro ou mesmo do narrador. Outra coisa é a voz que fala como reflexo do ser humano, o eu vindo a exercer a função de ponto de referência, a medida de todas as coisas. Não se trata neste caso de impor o ser humano às coisas da natureza. Clarice enquanto ser identifica-se com a substância elemental, compartilha pelo eu com a realidade exterior:

Mas há também o mistério do impessoal que é o *it*: Eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seco-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive do apodrecimento. Meu *it* é duro como a pedra-eixo.
(35)

Foi precisamente para reduzir o mais possível o pessoal, dando maior relevo aos aspectos impessoais do texto, que a primeira versão foi completamente modificada e mais tarde substituída pela versão atual: "Estou enxugando o livro,"

Clarice dissera ao confiar-me o manuscrito. Foram necessários dois anos para que o caroço seco e germinativo fosse secando ao sol; para que a transformação do pessoal no impessoal fosse aos poucos se realizando. O processo de secagem foi violento. Das 151 páginas originais somente as primeiras cinquenta e as últimas três têm algo em comum. Cem páginas foram simplesmente eliminadas; ou por conterem passagens demasiado subjetivas ou por terem sido anteriormente publicadas como crônicas. Como é sabido Clarice Lispector manteve ao longo de vários anos uma crônica semanal no **Jornal do Brasil** e muitas das páginas eliminadas na primeira versão apareceram pela primeira vez naquele jornal. A própria autora comunica-nos esse fato à página 97 da primeira versão:

Acontece o seguinte. Eu vinha escrevendo esse livro há anos, espalhados (sic) por crônicas de jornal, sem perceber, ignorante de mim que sou, que estava escrevendo o meu livro. Essa é a explicação para quem me lê e me reconheça: porque já leu anteriormente em jornal. Gosto da verdade.

Apesar de sentir-se perfeitamente justificada na inclusão das crônicas, pois estas eram agora subordinadas a um contexto diferente, Clarice resolveu, acertadamente, penso eu, suprimi-las. Eliminadas foram também todas as referências autobiográficas: por exemplo, a alusão, à página 118, ao incêndio que lhe causou sérias queimaduras: "A mão enxertada por causa do incêndio." Outros comentários de natureza biográfica referem-se ao seu casamento e eventual separação: "A grande dor de sua vida," segundo Alceu de Amoroso Lima em homenagem que prestou à escritora poucos dias depois de sua morte no **Jornal do Brasil**. Um bom exemplo, porque incomum na obra de Clarice Lispector, de um assunto pessoal--e por essa razão mais tarde eliminado--é a referência à pobreza no Brasil. Escritora apolítica, Clarice Lispector foi aos poucos tomando consciência das injustiças sociais de seu país. A última vez que a visitamos, em julho de 1976, confessou-nos ela o seu arrependimento por haver aceito o vultoso prêmio literário oferecido anualmente em Brasília, que no ano anterior havia sido recusado por Carlos Drummond de Andrade. Todos que leram seu último livro, **A Hora da Estrela**, comentam os aspectos politizantes do romance, que é, além de outras diferentes coisas, um grito de protesto contra a injustiça social. Um primeiro esboço dessa consciência crítica é já presente na primeira versão de **Água Viva**:

Posso inteiramente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa porém do que em vinte-e-cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de pessoas são verdadeiramente moribundos ambulantes que tecnicamente deveriam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública.

Em face de tais apelos a favor da resolução de problemas socio-econômicos, é fácil entender a relutância de Clarice em retirar esses trechos da versão publicada. São problemas visceralmente sentidos pela escritora e como tal impossíveis de refrear. **A Hora da Estrela** é a voz, infelizmente derradeira, dessa angústia, que demorou a vir a público.

Mas aqui também havia que extrair o supérfluo. A versão final é mais linear e representa uma busca da origem germinadora das coisas.

Dentro desse âmbito metafisicamente especulativo não havia lugar para o que, embora importante, ficaria extrínseco à unidade orgânica da obra. Outras transformações de ordem estrutural ocorrem como parte do quadro ficcional em que a autora resolveu situar a estória.

Em vez de "Um monólogo com a vida" sub-título de **Objeto Gritante**, que reflete o uso do fluxo da consciência, a narradora dirige-se agora a um ele específico, que seria supostamente um ex-amante. O propósito dessa inovação é evidente. Dirigindo-se a um tu o eu diminui em grandeza e o particular vira universal. A voz narrativa--medida de todas as coisas--não poderia ser exclusivamente feminina.

Há que trazer para a tessitura do mundo, o homem, a outra parte do todo. Diz Clarice em **Água Viva**: "Qual é o elemento primeiro? Logo teve que ser dois para haver o secreto movimento último do qual jorra leite."

Outra modificação no quadro ficcional de **Água Viva**, sempre na intenção de reduzir o aspecto autobiográfico, é a substituição da profissão da narradora. Em vez de alguém que escreve, o eu é agora o de um pintora que se inicia no ato de escrever. A intenção é a de reproduzir com a palavra aquilo que na pintura se consegue pela arte abstrata, a tentativa de captar uma realidade para além dos limites da forma.

O epígrafe do livro, que é reproduzido de um texto de Michel Seuphor--aneposto ao texto de ambas as versões--é esclarecedor deste processo:

Tinha que existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura--o objeto--que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incomunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência.

Estas duas versões da **Água Viva** são realmente uma só. Muito embora a autora a considerasse pronta a ser publicada, a primeira versão é realmente uma obra de transição. Ela estava ainda demasiado presa à pessoa e não ao artista Clarice Lispector.

Todas as idéias importantes foram incorporadas à versão publicada. O que resta poderá vir a interessar futuros biógrafos ou poderá esclarecer aspectos da obra ficcional, cujas origens são apontadas pela escritora. O que fica do cotejo dessas duas versões e do estudo do processo de revisão implacável a que a autora submeteu o texto é a noção da importância de **Água Viva** no âmbito da obra de Clarice Lispector. Os excessos temáticos e por vezes lingüísticos desta primeira versão apontam para o alcance e precisão da obra tal como foi definitivamente publicada. A exemplo disso, quero recordar aquilo que Clarice Lispector nos disse ao confiarnos o **Objeto Gritante**: Gostaria ela que ao traduzirmos o livro, não colocássemos nenhuma vírgula. Que encontrássemos a palavra precisa e que respeitássemos a pontuação. De fato, a vírgula não tem cabimento em uma narrativa que é cíclica e que anseia por penetrar no fluxo primário e universal. A palavra precisa é essencial em um livro da natureza de **Água Viva**, pois é ela que capta a única possível realidade.